


Entrevista com Jane Felipe *Pedofilização e scripts de gênero: as contribuições do eixo temático “Infâncias, gênero e sexualidades” para pensar as corporeidades infantis*

Bianca Salazar Guizzo

Bianca Salazar Guizzo

Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, UFRGS, Brasil

E-mail: bianca.guizzo@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1080-2210>

Entrevista com **Jane Felipe**, professora titular aposentada do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS e professora no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

Palavras-chave: Corporeidades. Infâncias. Entrevista. Jane Felipe.



<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://doi.org/10.5007/2175-795X.2021.e75077>

Entrevista com Jane Felipe

Dossiê “Corporeidades, Infâncias e Educação”, organizado por Patrícia de Moraes Lima (UFSC), Regina Ingrid Bragagnolo (UFSC) e Andréa Simões Rivero (UFSC) – Revista Perspectiva

Bianca: Cara professora Jane, agora minha colega no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRGS: tenho acompanhado de perto sua trajetória acadêmica ao longo dos anos e gostaria de pontuar a importância de alguns conceitos veiculados por você e pelo seu grupo de pesquisa, que completou, em 2022, 20 anos de criação. Poderia nos contar um pouco sobre as pesquisas desenvolvidas no eixo temático *Infâncias, gênero e sexualidades* que você coordena?

Jane: Desde a sua criação, em 2001, o eixo temático *Infâncias, gênero e sexualidades*, vinculado à linha de pesquisa *Educação, Sexualidade e Relações de Gênero*¹, tem desenvolvido pesquisas e conceitos que nos ajudam a pensar sobre os modos como os corpos infantis são vistos, narrados e pensados em diferentes espaços educativos (sejam eles escolares ou não). Tais estudos produzidos ao longo dessas duas décadas, vêm tentando mostrar de que forma é possível compreender a construção das identidades desde a mais tenra infância e como elas se articulam às expectativas sociais, culturais, históricas e políticas, em torno dos corpos de meninos e meninas.

No entanto, antes de falar sobre os conceitos e pesquisas que desenvolvemos, eu não poderia deixar de mencionar a importância do GEERGE – Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero – fundado em 1990 pela Prof^ª Dr^ª Guacira Lopes Louro, como um espaço fundamental de aprofundamento teórico-analítico para pensarmos os temas das identidades de gênero e das identidades sexuais, articulando-os a tantos outros atravessamentos que nos constituem: classe social, idade, raça, religião, escolaridade, inserção rural ou urbana, etc. Minha inserção no GEERGE, que se deu cinco anos após a sua fundação, quando iniciei o doutorado, foi um divisor de águas para me constituir como pesquisadora. É importante reconhecer que a criação de grupos de estudos e linhas de pesquisa no âmbito da pós-

¹ Pouco tempo depois de sua criação, a Linha de Pesquisa contava com quatro eixos temáticos, a saber: *Gênero, Sexualidade e Educação*, coordenado pela Prof^ª Dr^ª Guacira Louro; *Políticas de Corpo e de Saúde: gênero, raça e nacionalidade*, coordenada pela Prof^ª Dr^ª Dagmar Meyer; *Infâncias, gênero e sexualidade*, coordenado pela Prof^ª Dr^ª Jane Felipe; e *Masculinidade, gênero e sexualidade*, coordenado pelo Prof. Dr. Fernando Seffner. Com a aposentaria das duas primeiras professoras, respectivamente em 2011 e em 2018, ficamos apenas com dois eixos temáticos. No entanto, em 2023 a linha de pesquisa passou por uma reestruturação, com a vinda de novos docentes para atuarem no PPGEDU, o que possibilitou a incorporação dos seguintes eixos temáticos, além das infâncias: *Gênero e sexualidade: reiteraões e transgressões da norma* (Dr. Fernando Seffner); *Juventudes Contemporâneas, Gênero e Sexualidade* (Prof^ª Dr^ª Juliana Ribeiro de Vargas e Prof. Dr. Luciano Nascimento Corsino); *Políticas, direitos e movimentos sociais* (Prof. Dr. Marcio Caetano e Prof. Dr. Guilherme Gomes Ferreira).

graduação são fundamentais para produzirmos e difundirmos tais conhecimentos, ressaltando ainda a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Também o fato de atuar como professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRGS na área de Educação Infantil, principalmente nas disciplinas de estágio, na prática de pesquisa, me possibilitou um olhar atento em relação às demandas das creches e pré-escolas, as políticas públicas para esta faixa etária (0 a 6 anos), os problemas da formação docente, a relação desses espaços educativos com as famílias, além das dinâmicas envolvendo as crianças, suas interações, curiosidades, interesses, relacionamento com seus pares e com os adultos. Cabe ainda referir que durante muitos anos ministrei uma disciplina eletiva *Educação Sexual na Escola*, que anos mais tarde se tornou obrigatória. O contato com as alunas e alunos do curso de Pedagogia e de outras licenciaturas, assim como o trabalho direto com as escolas de educação infantil por ocasião dos estágios, foram fundamentais para entender as demandas, as dúvidas e as temáticas que necessitavam de um maior aprofundamento. Motivadas pelo desejo de aprofundar as discussões sobre as infâncias e suas múltiplas especificidades, tais como qualidade na Educação Infantil, políticas públicas, currículo, arte, literatura, música, relações étnico-raciais, gênero e sexualidade, criamos em 1996 o GEIN²- Grupo de Estudos de Educação Infantil e Infâncias.

Nossa produção teórica foi construída e alimentada, portanto, por esses dois grupos de estudos e foi se consolidando a partir da criação da linha de pesquisa *Educação, Sexualidade e Relações de Gênero*, dentro do eixo temático *Infâncias, gênero e sexualidade*, que em 2023 completou 22 anos de existência.

Nas nossas pesquisas, procurávamos chamar atenção para o modo como as identidades de gênero eram construídas desde a mais tenra infância, a partir de uma visão dicotômica e binária (e até mesmo antagônica) entre meninos e meninas. Eles eram educados para exercer o protagonismo, estimulados a se comportar de forma agressiva e misógina, enquanto elas eram ensinadas a apreciar o mundo doméstico, a maternidade e o embelezamento, que na nossa cultura estava muito associada à erotização dos corpos femininos. Analisamos brinquedos e brincadeiras, publicidade, programas de TV, livros didáticos, paradidáticos e de literatura, jogos *online*, espaços escolares, interações entre as crianças, falas de professoras/es e famílias, além de outros artefatos culturais que reiteradamente promoviam uma visão naturalizada de tais expectativas de gênero direcionadas para as infâncias.

Um dos temas que muito me mobilizou à época, dentro desse espectro de possibilidades analíticas, foi a erotização dos corpos infantis, lembrando que a década de 90 difundiu uma intensa exibição e espetacularização dos corpos femininos, exibidos em vários programas de TV, na publicidade, nas

² A história da criação do grupo está disponível em: <http://www.ufrgs.br/gein/>

músicas, dentre outros artefatos culturais. Comecei então a perceber a importância de discutir a temática da sexualidade nos livros dirigidos ao público infantil, na escola (especialmente nas escolas de educação infantil) e no currículo (Felipe, 1997, 1998, 1999)³. Desse modo, ao longo de duas décadas (2001-2023), nosso eixo temático desenvolveu várias pesquisas de mestrado, doutorado, pós-doutorado e trabalhos de conclusão de curso na graduação e em cursos de especialização, a partir de projetos maiores (que costumamos chamar de projetos “guarda-chuva”), quais sejam: *Infância, Sexualidade e Gênero: discutindo a 'pedofilização' da sociedade e o consumo dos corpos infantis* (2002 a 2004); *'Pedofilização' como prática social contemporânea: uma análise cultural a partir dos Estudos de Gênero* (2005 a 2008); *Erotização dos corpos infantis, pedofilia e pedofilização da contemporaneidade* (2009 a 2013). Posteriormente comecei a me interessar sobre o problema dos maus-tratos emocionais e outras formas de violência contra mulheres e crianças, a partir dos relatos das alunas sobre o que elas próprias passavam no seu cotidiano, com seus companheiros. Desenvolvemos então a pesquisa *Violências de gênero, amor romântico e famílias: entre idealizações e invisibilidades, os maus tratos emocionais e a morte* (2014 a 2019), em parceria com a Universidad de Extremadura, na Espanha. Já a pesquisa atual, que começou a ser desenvolvida em 2020, intitulada *Ignorar para acobertar ou informar para proteger? Scripts de gênero e sexualidade na prevenção das violências contra crianças*, foi pensada como uma resposta às argumentações equivocadas, repletas de ameaças e perseguições levantadas por grupos conservadores contra escolas e professoras/es que ousavam trabalhar com o tema de gênero e sexualidade. Mesmo diante dos alarmantes dados mostrando os altos índices de violência/abuso sexual contra crianças (Rosa; Felipe, 2020), há ainda muita resistência por parte das famílias para que a educação sexual seja discutida nas escolas.

Bianca: Dentre os conceitos desenvolvidos por você está o de Pedofilização como prática social contemporânea. Você pode retomar o significado deste conceito, falando um pouco de seus desdobramentos? Você considera que ele é potente ainda hoje para pensarmos os corpos infantis?

3 Minhas primeiras publicações sobre o tema foram as seguintes:

FELIPE, Jane. A temática da sexualidade nos livros dirigidos ao público infantil: relações de gênero e outras implicações. Cadernos de Psicologia e Educação - Paidéia, Porto Alegre, v. 4, n.12, p. 44-60, 1997.

FELIPE, Jane. Construindo identidades sexuais na Escola Infantil. Pátio - Revista Pedagógica, Porto Alegre, n.7, p. 56-58, 1998.

FELIPE, Jane. Problematizando a sexualidade na escola e no currículo. Cadernos da Associação dos Orientadores Educacionais RS, Porto Alegre, n.2, p. 11-17, 1999.

FELIPE, Jane. Entre tias e tiazinhas: pedagogias culturais em circulação. In: SILVA, L. H. (Org.). Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo? 1ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999, p. 167-179.

Jane: No início dos anos 2000 elaborei o conceito de pedofilização para se referir ao processo de erotização dos corpos infantis, tão presente na nossa cultura, pontuando as contradições de uma cultura que, ao mesmo tempo em que criava leis para proteger a infância, legitimava e estimulava práticas de exposição dos corpos infanto-juvenis, em especial os corpos femininos, de forma erotizada, através de propagandas, programas de TV, músicas, filmes, moda, dentre outros. Cabe referir que pedofilização não deve ser confundido com pedofilia, como já expliquei em diversas ocasiões (Felipe, 2006a; Izidro; Felipe, 2018).

O conceito de pedofilização foi publicado pela primeira vez no livro *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação*, organizado pela professora Guacira Louro, por mim e por Silvana Goellner (2003), sendo posteriormente desdobrado em outros dois aspectos. O segundo deles consiste em explorar o que chamamos de universo “infantil” como potencialmente erótico, ou seja, a infância é utilizada como fetiche para temática da sedução por parte de pessoas adultas. Como exemplo, poderíamos citar o caso de mulheres que se fantasiam de meninas, ou mesmo se submetem a procedimentos corporais para se aproximarem de um corpo infantil.

Em 2016, comecei a abordar o terceiro aspecto do conceito, entendendo-o como uma violência, pois a erotização dos corpos infantis funcionaria como preparação ou mesmo como uma naturalização do assédio, podendo abrir caminho para a violência/abuso sexual e outras formas de violência.

Creio ser importante destacar que durante o pós-doutorado, me deparei com o livro de Richard Poulin, intitulado *Sexualisation précoce et pornographie* (2009), que trazia no capítulo II, uma interessante discussão sobre *La pornographisation de La culture*. Foi uma grata surpresa poder encontrar uma obra que dialogava com as pesquisas produzidas no nosso eixo temático⁴, e que foram desdobradas em muitas publicações, palestras, seminários, cursos de especialização, assessorias às escolas, entrevistas⁵, etc.

Entendo que o conceito de pedofilização continua sendo interessante para pensarmos sobre a exposição dos corpos infantis, especialmente diante dos inúmeros casos de violência/abuso sexual cometidos contra as crianças.

⁴ Destaco a dissertação de mestrado Pedofilização e mercado: o corpo-produto de crianças e adolescentes na era de direitos no Brasil (Nunes, 2009) e a tese de doutorado Onde estão as meninas? Tensionando o conceito de exploração sexual a partir dos estudos sobre pedofilização e relações de gênero (SERPA, 2016).

⁵ Em entrevista concedida à Revista Galileu discuto o conceito de pedofilização. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/05/sociedade-convoca-os-olhares-para-que-desejem-essas-meninas-diz-pesquisadora.html>.

Bianca: Outro conceito importante desenvolvido por você é o de *scripts* de gênero. Poderia nos comentar um pouco sobre ele?

Jane: Comecei a utilizar a expressão *scripts* de gênero para pensar sobre os roteiros que nos são impostos desde a infância, a partir de inúmeras expectativas que vão sendo criadas de como devemos ser e nos comportar. Inspirada na arte, em especial no teatro, no cinema e na televisão, a ideia de *scripts* me pareceu pertinente, uma vez que estes são usados por autores/as, diretores/as e roteiristas, para definir de que modo os personagens devem estar nas cenas, o que devem dizer, fazer, etc. No entanto, tais roteiros podem ser modificados, de alguma forma, assim como ocorre na sociedade em geral, quando os comportamentos e expectativas de gênero vão se transformando ao longo do tempo. Muitas vezes, porém, quando tais mudanças não são permitidas, podem ocorrer sanções para quem ousa sair desse *script*.

Outro ponto importante a ser mencionado é que os *scripts* de gênero (Felipe, 2016; 2019) não devem ser entendidos como “papéis” de gênero, pois como pontua Louro (1997) a concepção de “papéis” (e também de estereótipos) pode se mostrar redutora ou simplista. A utilização do conceito de *scripts* de gênero enfatiza as inúmeras possibilidades de rompimentos, negociações e subversões dessas expectativas que tentam no impor desde a infância.

Portanto, os *scripts* potencializam as discussões sobre gênero e também sobre sexualidade, como já mostraram John Gagnon e William Simon, ao utilizarem o conceito de *scripts* sexuais (1986)⁶. Sabemos, porém, o quanto os conceitos “escorregam”, necessitando passar por outros crivos e adensamentos teóricos diversos, em constante diálogo com outros campos do conhecimento. Sempre é importante lembrar que nossa tarefa como pesquisadoras/es requer uma constante revisão de nossas teorizações e metodologias, que precisam ser revistas, tensionadas ou mesmo ressignificadas.

Bianca: No cotidiano da Educação Infantil há crianças que não correspondem aos *scripts* de gênero pensados para elas. Como você percebe a atuação docente diante destes sujeitos infantis que, em alguma medida, escapam ao que é esperado – no que diz respeito a gênero – para eles?

Jane: Um dos desafios a serem enfrentados no cotidiano da Educação Infantil diz respeito às desigualdades de gênero, muitas vezes promovidas pela própria escola, a partir de inúmeras confusões conceituais e falta de conhecimento em relação às identidades de gênero e às identidades sexuais (Felipe, 2019). Muitas professoras que atuam nessa faixa etária reclamam da falta de formação que tiveram nos seus cursos em relação às temáticas de gênero e sexualidade, além de não terem tido oportunidade de

⁶ Cabe mencionar que na década de 1970 o conceito de “*scripts* sexuais” foi formulado pelos pesquisadores John Gagnon e William Simon. Ver o artigo Sexual Scripts: Permanence and Change, dos mesmos autores. Archives of Sexual Behavior, Vol. 15, No. 2, 1986.

discutir esses assuntos em cursos de formação continuada. As famílias, por sua vez, pressionam as escolas para que determinados temas, como o da diversidade, as relações de gênero e a sexualidade não sejam trabalhados, pois temem que as crianças sejam influenciadas negativamente por esses assuntos, que consideram inapropriados para a faixa etária. Quando as crianças não conseguem se comportar de acordo com os *scripts* esperados, muitas vezes são vistas como estranhas, inadequadas, sofrendo uma série de reprimendas por não se comportarem como “meninos” ou como “mocinhas”. Cabe lembrar que os meninos são muito mais vigiados em relação aos comportamentos que expressam, pois deles são exigidas manifestações de masculinidade cisheteronormativas (Bello, 2006; Leguiça, 2019). Como a escola acolhe ou rejeita as crianças que não correspondem aos *scripts* de gênero socialmente impostos? É preciso investir na formação docente para que tais discriminações não ocorram.

Bianca: Que avanços e que retrocessos você percebe nos trabalhos desenvolvidos no âmbito da Educação Infantil sobre as situações que envolvem sexualidades e relações de gênero?

Jane: Especialmente a partir de 2015 vivemos um retrocesso sem precedentes, com a retirada das palavras gênero e sexualidade do Plano Nacional de Educação, provocando uma reação em cadeia nos demais planos estaduais e municipais, com a propagação de fakenews e a equivocada compreensão sobre esses temas, sendo colocados como sinônimos, dentro daquilo que alguns grupos religiosos conservadores convencionaram chamar de “ideologia de gênero”. Por conta do pânico moral instalado, tais pessoas começaram a implementar campanhas de perseguição às escolas e às professoras e professores que ousassem trabalhar com esses temas, sendo acusados de pedófilas/os, imorais, etc. Crianças e jovens foram incentivados a filmar as aulas e a denunciar seus professores/as. Muitas escolas e secretarias de educação, pressionadas por políticos oportunistas, que se elegeram a partir da disseminação de tal pânico moral, defendendo os valores da família tradicional, se retraíram na discussão dos temas de gênero e sexualidade, deixando de investir na formação docente em relação aos temas. Muitas professoras da educação infantil, que já tinham dificuldades em trabalhar as questões de gênero e sexualidade, se viram forçadas a não tocar no assunto para não serem perseguidas pelas famílias.

No entanto, se olharmos as décadas anteriores, veremos que houve um grande esforço no sentido de investir na formação docente e discutir as temáticas de gênero e sexualidade nas escolas, desde a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Também poderíamos mencionar o Programa *Brasil sem Homofobia* ou ainda os programas de combate à violência doméstica e à exploração sexual, veiculados

pela Secretaria de Direitos Humanos ou ainda os cursos de especialização para professores/as de educação infantil, promovidos pelo MEC, em parceria com as universidades públicas.

Por último, é importante salientar que discutir como se constroem as relações de gênero e como as identidades sexuais são vistas, aceitas ou rejeitadas implica em um exercício constante de profundo questionamento das relações de poder, que vão se delineando desde a infância, como nossas pesquisas têm mostrado. Também é necessário pensarmos nas hierarquias minuciosamente construídas entre os diversos grupos sociais, gerando inúmeras desigualdades. Pensar nesses temas como relevantes desde a infância, implica em combater todas as formas de violência, no enfrentamento contra o machismo, a misoginia, o racismo, a homofobia, às violências/abusos sexuais, dentre tantas outras questões.

Referências

- FELIPE, Jane, GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada (Orgs.). *Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação*. Canoas: ULBRA, 2013.
- FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo? *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, p. 201-223, jan./jun. 2006a.
- FELIPE, Jane. Entre tias e tiazinhas: Pedagogias Culturais em circulação. In: SILVA, Luiz Heron (Org.). *Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999a. p. 167-179.
- FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: Guacira Lopes Louro; Jane Felipe; Silvana Goellner. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, v. 01, p. 53-65.
- FELIPE, Jane. *Scripts* de gênero na educação infantil. *Revista Pátio – Educação Infantil*, ANO XIV, n. 48. Porto Alegre: Artmed, jul./set. 2016. p. 4-7.
- FELIPE, Jane. *Scripts* de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (Orgs.). *Para Pensar a Docência na Educação Infantil*. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p. 238-250.
- FELIPE, Jane; BELLO, Alexandre. Das parcerias intelectuais e afetivas: o que podemos aprender com um grupo de estudos. *Momento – Diálogos em Educação*, Rio Grande, v. 28, n. 3, p. 167–180, set./dez. 2019.
- FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. *Pro-Posições*, Campinas, v. 14, n. 3, p. 119-129, set./dez. 2003.
- GUIZZO, Bianca Salazar; FELIPE, Jane. Rompendo com os *scripts* de gênero e de sexualidade na infância. In: SARAIVA, Karla; GUIZZO, Bianca Salazar (Orgs.). *Educação em um mundo em tensão: insurgências, transgressões, sujeições*. Canoas: Ulbra, 2017. p. 219-228.
- IZIDRO, Lúcio; FELIPE, Jane. O que precisamos saber sobre pedofilia e pedofilização: aspectos médicos, jurídicos e culturais. In: SÁ-SILVA, Jackson Ronie; SANTOS, Marcos Eduardo Miranda; SILVA, Yuri Jorge Almeida da (Org.). *A Discussão da Pedofilia no Campo da Educação*. São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 23-40.
- LANDINI, Tatiana Savoia Landini. Violência sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração. *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 225-252, jun. 2006.

LEGUIÇA, Michele Lopes. “*Atira no coração dela*”: corpos e *scripts* de gênero na educação infantil. 2019. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

NUNES, Maria do Rosário. *Pedofilização e mercado: o corpo-produto de crianças e adolescentes na era de direitos no Brasil*. 2009. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2009.

POULIN, Richard. *Sexualisation précoce et pornographie*. Paris: la Dispute, 2009.

PRESTES, Liliane Madruga; FELIPE, Jane. Entre smartphones e tablets: pedofilia, pedofilização e erotização infantil na internet. *Pesquisa em Foco*, São Luís, v. 20, n. 2, p. 4-20, 2015.

ROSA, Cristiano; FELIPE, Jane. Violência/abuso sexual contra meninos: masculinidades e silenciamentos em debate. *PESQUISA EM FOCO (UEMA)*, v. 25, p. 144-167, 2020.

ROSA, Cristiano; FELIPE, Jane; SÁ-SILVA, Jackson. (2022). Pedofilização e *scripts* de gênero: o que pode a produção teórica de um grupo de pesquisa? *Diversidade E Educação*, 10(1), 64–82.
<https://doi.org/10.14295/de.v10i1.14319>

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.